

## ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NO PROGRAMA BALE MICAELENSE

### LITERARY TEXT READING MEDIATION STRATEGIES IN THE BALE MICAELENSE PROGRAM

Maria Lúcia Pessoa Sampaio<sup>1</sup>  
Raimunda Queiroz Rêgo<sup>2</sup>  
Diana Maria Leite Lopes Saldanha<sup>3</sup>

**Resumo:** Discute-se acerca da leitura, leitor, mediação e estratégia de mediação da leitura, enfocando especificamente a atuação dos leitores/ouvintes do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE), doravante BALE MICAELENSE. Mediar leitura implica em se criar estratégias que motivem o leitor a envolver-se nas atividades, possibilitar o acesso aos livros, selecionar obras apropriadas para a faixa etária, além de planejar atividades de pré-leitura, durante e pós-leitura (GRAVES e GRAVES, 1995). O estudo revelou que o BALE MICAELENSE incentiva a leitura prazerosa e contribui na formação de leitores autônomos, mediante estratégias de mediação da leitura de textos literários.

**Palavras-chave:** leitura; mediação; leitor; Programa BALE.

**Abstract:** It is discussed about reading, reader, mediation and reading mediation strategy, focusing specifically on the performance of readers / listeners of the ambulant Library and Literature in Schools Program (BALE), hereafter BALE MICAELENSE. Mediating reading implies creating strategies that motivate the reader to engage in activities, providing access to books, selecting appropriate works for the age group, and planning pre-reading, during and post-reading activities (GRAVES and GRAVES). 1995). The study revealed that BALE MICAELENSE encourages pleasurable reading and contributes to the formation of autonomous readers through mediation strategies for reading literary texts.

**Keywords:** reading; mediation; reader; BALE program.

#### Introdução

O presente texto objetiva discutir alguns conceitos como leitura, leitor, mediação e

---

<sup>1</sup> Professora doutora do Departamento de Educação/CAMEAM/UERN, docente permanente do PROFLETRAS/PPGE e colaboradora do Curso de Doutorado do PPGL. Coordenadora Geral do Programa BALE - E-mail: [luciapessoa@uern.br](mailto:luciapessoa@uern.br).

<sup>2</sup> Estudante do Mestrado em Ensino PPGE e Coordenadora do Programa BALE MICAELENSE - E-mail: [mundinharego@yahoo.com.br](mailto:mundinharego@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Professora doutora do Departamento de Educação/CAMEAM/UERN, docente permanente do PPGE. Coordenadora do Canteiro “Formação” do Programa BALE/UERN. E-mail: [dianalsaldanha@hotmail.com](mailto:dianalsaldanha@hotmail.com)

estratégia de produção da leitura, enfocando especificamente a atuação dos leitores/ouvintes do Programa BALE Micaelense – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas que funciona em parceria com a Prefeitura Municipal de São Miguel/RN. O Programa Biblioteca BALE é uma ação extensionista do *Campus* Avançado Profa Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, localizada no município de Pau dos Ferros – RN. O BALE vem atuando na região do médio-oeste potiguar com atividades que objetivam o incentivo à leitura, a formação e autoformação de leitores, a fim de despertar o prazer pela leitura de forma lúdica, contribuindo para a democratização do acesso aos livros àqueles marginalizados pela sociedade, em que bens preciosos como educação, cultura, esporte, lazer, lhes são faltosos.

Assim, com o intuito de democratizar o contato com o livro literário nesse local escasso de projetos voltados ao incentivo às práticas leitoras o referido programa surgiu em 2007, através professora Doutora Maria Lucia Pessoa Sampaio e a colega Renata Mascarenhas, ambas professoras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), as quais foram contempladas com o edital Programa BNB de Cultura/2007 e começaram a realizar atividades de contação e recontação de histórias nas escolas e bairros carentes na cidade de Pau do Ferros, sede do *Campus* do UERN que atuam. A partir de então as atividades foram institucionalizadas na PROEX, como uma das ações de extensão da UERN (TORRES; SAMPAIO; SILVA; COSTA, 2019). Atualmente o BALE funciona com cinco equipes constituídas em cinco municípios, a saber: em Pau dos Ferros (BALE Pauferrense) com duas equipes (BALE JOVEM/UERN e BALE MIRIM), em São Miguel/RN (BALE MICAELENSE), em Frutuoso Gomes e Patu (BALE FRUP), em Portalegre (BALE PORTALEGRENSE) e em Francisco Dantas (BALE DANTENSE).

Para o presente estudo focalizamos o trabalho desenvolvido pelo BALE MICAELENSE, relatando um pouco das ações do Programa no município de São Miguel numa perspectiva de formar leitores. Para tanto realizamos um estudo teórico fundamentado em Martins (1994), Jouve (2000), Garcia (2000) Madi (1999), Vygotsky (1996), Cosson (2007), Kleiman (2008), Freire (1992), PCN (BRASIL, 1997), Graves; Graves (1995), Mcguinness (2006), Sampaio e Mascarenhas (2007), Solé (1998), dentre outros.

Inicialmente faremos uma discussão teórica abordando os conceitos de mediação, leitura, leitor e estratégias de mediação da leitura. Para finalizar a discussão, faremos algumas

considerações acerca da temática e da relevância deste trabalho para nossa formação profissional/intelectual, bem como para a produção científica no campo da educação.

## **1 Reflexão teórica sobre mediação, leitor, leitura e estratégias de leitura de textos literários**

Toda prática educativa requer uma mediação do conhecimento, onde uma pessoa mais experiente ajuda a outra menos experiente a construir o saber num clima de interação, colaboração, afetividade e troca de saberes (VYGOTSKY, 1996). Assim também acontece nas atividades de leitura, uma vez que a aprendizagem da leitura exige a interação entre leitor-texto-contexto, visando à construção do significado do texto. Em relação à leitura, Garcia ressalta que:

[...] a leitura é plena de sociabilidade, das tramas do tecido social em que ocorre. Por essa razão, uma leitura será sempre um processo de produção de sentidos na construção do real, que envolve o sujeito leitor, o texto, as práticas e experiências anteriores de leitura e o contexto do exercício. (GARCIA, 2007, p. 18)

A leitura é uma atividade complexa que se desenvolve nas pessoas de forma natural, sem exigir o conhecimento da língua, pois a leitura consiste basicamente em dar sentido a tudo que nos envolve. Por isso, ela é uma atividade abrangente que envolve “todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das circunstâncias de vida” (MARTINS, 1994, p. 12).

Sabemos que a leitura não é somente fonte de prazer e emoção, como também ela viabiliza o acesso ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade, estimula o pensamento crítico das pessoas e apresenta outras civilizações com suas diferentes culturas. Enfim, a leitura é uma prática carregada de sentidos, onde o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir de suas experiências e do conhecimento do assunto, como reforçam os PCN:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua [...] Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997, p. 53)

Nesta perspectiva, a leitura exige compreensão e pensamento crítico, na qual o leitor realiza a construção de sentidos do texto antes da leitura da palavra. Ou seja, “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente [...]”. (FREIRE, 2006, p. 11). Nesta perspectiva, a leitura da palavra vai dar continuidade à leitura do mundo e vice-versa, uma vez que a leitura que fazemos dos fatos, gestos, comportamentos sociais e objetos estimula o pensamento crítico, a oralidade e, além de aguçar os sentidos, também desperta a curiosidade para a leitura da palavra. Assim, a leitura do mundo é essencialmente sensorial, uma vez que o leitor utiliza a audição, o tato, o paladar, o olfato e a visão para perceber ou sentir as coisas do mundo que lhe cerca. Martins (1994, p. 42) ressalta que esse tipo de leitura possibilita ao leitor “conhecer [...] o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar [...]”. Conseqüentemente, tudo que nos impressiona causa boas ou más impressões, além de emoções ou desejos que estimulam nosso pensamento e nossa sensibilidade humana. A leitura que realizamos de um romance pode tocar profundamente nosso coração e nos levar a sentir tudo aquilo que o personagem sentiu. Esta leitura emocional “[...] é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior do leitor, tem um caráter retrospectivo implícito; se inclina, pois, à volta ao passado [...]”. (MARTINS, 1994, p. 80).

A leitura se manifesta de diferentes formas, começando da leitura superficial até a leitura aprofundada que exige do leitor um trabalho cognitivo intenso, objetividade na leitura e pensamento crítico para compreender os sentidos do texto. Assim, a leitura racional supera as demais leituras porque ela refere-se diretamente a leitura do texto escrito associada ao contexto social. É isto que possibilita ao leitor “[...] atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais [...]”. (MARTINS, 1994, 66).

Para Sampaio e Mascarenhas (2007) é nessa perspectiva que a leitura se constitui numa atividade complexa na medida em que é tanto uma experiência individual quanto interpessoal e dialógica. Ela é individual porque consiste num processo pessoal de processamento dos sentidos do texto, no entanto a leitura é também interpessoal porque os sentidos não se encontram exclusivamente no texto ou no leitor, mas se situam entre texto e leitor.

O leitor é o sujeito que realiza o processo de decodificação dos signos lingüísticos para, posteriormente, construir sentidos para o texto a partir dos conhecimentos adquiridos sobre o assunto, o autor e a língua. Neste sentido, ler não é um processo mecânico no qual o leitor apenas decifra letras ou palavras e, sim, uma prática essencialmente dinâmica e repleta de significados que “[...] implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2007, p. 27).

Segundo Kleiman (2008) para compreender bem o texto, o leitor precisa dominar alguns conhecimentos básicos como conhecimento lingüístico, conhecimento textual e conhecimento de mundo, os quais são indispensáveis na interpretação do texto e, sobretudo, na construção de sentidos.

O conhecimento lingüístico refere-se ao conhecimento da língua, ou seja, o conhecimento do sistema alfabético de escrita, do vocabulário e das regras gramaticais. Esse tipo de conhecimento não está explícito na leitura do texto, porém ele desempenha uma função importante na compreensão do texto. Sobre este conhecimento, Kleiman ainda acrescenta:

[...] o conhecimento lingüístico, isto é, aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, [...] faz com que falemos Português como falantes nativos. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. (KLEIMAN, 2008, p. 13)

Em relação ao conhecimento textual, este envolve um conjunto de noções e conceitos sobre o texto que vai desde o conhecimento de estruturas textuais até os tipos de discurso que traz explícita ou implicitamente a intenção do autor. Quanto mais conhecimento o leitor tem dos diferentes tipos de textos, mais aumenta a sua capacidade de interpretação e, conseqüentemente, tornar-se mais fácil a construção de significados do texto. O conhecimento que o leitor possui acerca dos textos permite-lhe criar expectativas e hipóteses, além de estabelecer objetivos em relação ao texto. O leitor não é um sujeito passivo diante do texto, nem a leitura uma prática mecânica de decodificação de códigos, pois o leitor dialoga com outros textos e com os autores numa perspectiva de compreensão dos enunciados do texto.

O conhecimento prévio, também chamado de conhecimento de mundo, refere-se aos diversos saberes adquiridos pelos sujeitos; seja pelo contato com as diferentes culturas, seja pela interação que estabelece com as pessoas mais experientes no contexto social e também familiar. O conhecimento de mundo envolve todas as experiências vivenciadas pelo sujeito no seu cotidiano, cujas práticas permitem as pessoas assimilar regras, comportamentos, crenças, valores, linguagens, normas, ideias e princípios. No ato de ler, o conhecimento prévio torna-se relevante para a construção de sentidos do texto, uma vez que “[...] o significado [...] constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto”. (BRASIL, 1997, p. 57).

A interpretação é um processo cognitivo que possibilita ao leitor “dialogar com o texto tendo como limite o contexto”. (COSSON, 2007, p. 41). Este contexto envolve duas dimensões: de um lado a realidade vivida pelo autor; de outro a realidade do leitor. Por isso, a leitura caracteriza-se pela interação leitor-texto-contexto, embora o autor esteja ausente para o leitor, a interação leitor-autor é mediatizada pelo texto que é construído por ambos através do processo de interação, no qual o autor, de um lado, expõe suas marcas, seus conceitos e suas ideias; e de outro, o leitor (re)constrói o texto a partir da sua leitura e da sua própria interpretação, ou seja, mediante a construção de significados o leitor refaz o texto.

Enfim, a leitura é uma prática interativa que exige do leitor compreensão das ideias do texto e, para isso, é importante a utilização do conhecimento linguístico, textual e prévio. O diálogo entre o leitor e o autor é viabilizado pelo texto no qual o autor deixa suas pistas para orientar o leitor na interpretação e na construção de sentidos. Em contrapartida, o leitor menos experiente não tem habilidades e conhecimentos suficientes para realizar uma leitura crítica e nem identificar as pistas deixadas pelo autor. Por isso, ele necessita da ajuda de um leitor mais experiente para fazer a mediação entre os conhecimentos prévios e as informações do texto.

A mediação é um processo que parte do social (relações interpessoais) para o individual (relações intrapessoais) e que acontece pela fala, pela expressão e pelo argumento. Nas práticas de leitura essa mediação é exercida por um mediador que realiza a seleção e exposição de livros para os leitores, ajuda a compreender textos mais complexos e a desenvolver o gosto pela leitura na perspectiva de formar leitores. Além disso, o mediador de leitura é um sujeito que exerce as funções de aproximar os leitores menos experientes dos livros, seduzir e orientar os leitores, além de compartilhar saberes, mediante a organização de

espaços de leitura aconchegantes e de atividades atrativas. Utiliza-se, ainda, de argumentos que convençam os leitores do prazer da leitura e da beleza do texto, instigando o pensamento na busca de outros significados para o texto, favorecendo o contato com diversos gêneros textuais e, especialmente, ajudando os leitores a construir sentidos para o texto a partir de suas experiências, entendimentos e conhecimentos, por meio de um processo dialógico. Neste sentido, Garcia afirma que:

[...] o conceito de mediação [...] tem o sentido de um diálogo, de ação de trânsito, de movimento, de interação [...]. Pressupõe uma ação humana: presença de sujeitos construindo coisas, comportamentos, idéias, significados. Sujeitos no 'meio' de outros sujeitos. (GARCIA, 2007, p. 41)

Desse modo, podemos afirmar que a mediação é uma prática humana caracterizada pelo diálogo e pela troca de experiências entre os sujeitos, pela qual o indivíduo constrói conhecimentos e apreende conceitos, valores, normas, costumes, crenças, linguagens e regras.

Nesta perspectiva, a mediação da leitura acontece através da interação entre leitores mais experientes e leitores menos experientes que buscam mediante o diálogo, realizar inferências e a troca de saberes numa perspectiva de construir sentidos para o texto a partir de suas experiências e das leituras realizadas anteriormente. Assim, no ato de ler “[...] cada leitor [...] traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época” (JOUVE, 2002, p. 24) a fim de compreender o texto e, conseqüentemente, internalizar conhecimentos.

A mediação da leitura implica, ainda, criar estratégias que envolvam ativamente os leitores nas atividades de leitura, onde eles possam desenvolver a criatividade, o pensamento crítico, a linguagem e estabelecer relações de reciprocidade com os leitores mais experientes. As estratégias de mediação da leitura permitem o leitor “[...] prever o que vai acontecer, perceber contradições, fazer inferências, fazer tipos específicos de perguntas etc.” (MCGUINNESS, 2006, p. 175). A participação ativa do leitor contribui significativamente para a compreensão do texto, pois é o leitor quem estabelece objetivos para a leitura, cria hipóteses, faz antecipações do texto, decifra códigos linguísticos, formula questionamentos e tira conclusões. Tudo isso na perspectiva de interpretar o texto e assimilar as informações necessárias.

Para tanto, é necessário o planejamento e implementação de atividades pré-leitura, durante leitura e pós-leitura que constituem uma experiência de leitura com Andaimos (GRAVES; GRAVES, 1995), possibilitando as crianças absorver o máximo do texto a partir

de um trabalho que começa com a motivação para a leitura, seguida da leitura propriamente dita e apropriação do texto. Tudo isso proporciona uma leitura bem sucedida, oportunizando ao leitor apreender conceitos importantes do texto, compreender a intenção do autor, contextualizar o texto para extrair dele conhecimentos e, sobretudo, desfrutar de uma leitura prazerosa e de sucesso.

Portanto, a mediação da leitura implica criar estratégias eficientes para motivar o leitor a envolver-se nas atividades de leitura, possibilitar o acesso aos livros, selecionar livros apropriados para a faixa etária e para atender o gosto do leitor, além de planejar as atividades de pré-leitura, durante leitura e pós-leitura. Conforme Solé (1998, p. 69-70) “[...] as estratégias [...] são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Desse modo, o mediador deve sempre ter a preocupação de criar, organizar e propor atividades interessantes, instigantes e socialmente válidas.

Sabemos que os leitores utilizam a leitura para manterem-se atualizados e informados dos diversos assuntos, bem como, se apropriar do conhecimento histórico e cultural da humanidade para compreender os diferentes acontecimentos. Por isso, a leitura é a principal via de acesso ao saber, porque permite ao homem adquirir conhecimento e produzir cultura.

## **2 A formação de leitores no contexto do Programa Bale Micaelense: estratégias de mediação da leitura**

A formação de leitores não acontece mecanicamente, mas constitui-se de um processo natural, interativo e contínuo, no qual o sujeito se apropria da leitura de livros, revistas, jornais, embalagens, panfletos, cartazes, manuais de instrução e imagens, para atender uma necessidade pessoal, satisfazer sua curiosidade, responder a possíveis questionamentos do cotidiano, manter-se informado dos fatos sociais, adquirir conhecimentos ou simplesmente para curtir o prazer da leitura. Para tanto, a produção da leitura no contexto formal e informal deve ter um objetivo prévio: atender os diversos interesses dos leitores mediante a utilização de textos variados e, principalmente, possibilitar a formação de leitores críticos e autônomos.

A sociedade atual é movida pelos avanços científico-tecnológicos que exigem dos sujeitos novas habilidades e competências para enfrentarem os desafios do mundo

contemporâneo. A leitura, enquanto prática social possibilita ao sujeito interpretar o texto a partir dos conhecimentos prévios e dos elementos do contexto social, na perspectiva de construir significados, responder as exigências da sociedade capitalista e compreender melhor a realidade para transformá-la.

Por isso, é importante um trabalho de incentivo à leitura e a formação de leitores na perspectiva de aproximar os sujeitos do mundo letrado e despertar o interesse de ler diferentes textos com diferentes objetivos. Assim, este estudo torna-se importante, do ponto de vista empírico, porque vai focar a mediação da leitura com crianças no contexto do Programa BALE MICAELENSE que se diferencia da sala de aula pelas práticas desenvolvidas.

No Programa BALE MICAELENSE as práticas de produção da leitura com crianças acontecem através das rodas de conversas, rodas de leitura, recital de poesias, dramatizações e filmes/documentários. Cada atividade tem sua forma de ser e seu objetivo próprio, uma vez que as estratégias de mediação da leitura buscam interagir os leitores, resgatar os conhecimentos prévios, promover o acesso aos livros, valorizar a cultura local a partir da seleção de textos direcionados para a realidade dos leitores/ouvintes.

Nas atividades de pré-leitura fazemos apresentações da obra, autor, ilustrador e levantamos questionamentos acerca do título do livro, buscando explorar os conhecimentos prévios dos participantes/leitores. Durante leitura, organizamos os alunos em círculos e realizamos a leitura oral da obra e fazemos adaptações do livro de forma teatral para facilitar a contação da história. No pós-leitura, deixamos os alunos à vontade para recontar oralmente a história e fazer suas observações acerca da obra apresentada.

As práticas de escuta, do reconto e da contação de histórias nas rodas de leitura promovem o aprimoramento da criatividade, da percepção e do pensamento. E, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, contribui também para a formação do caráter crítico-social dos indivíduos, fazendo com que haja o respeito mútuo entre os participantes e, conseqüentemente, a troca de saberes. O reconto e a contação de histórias tornam-se importantes porque estimula a oralidade, a criatividade, promovendo a troca de experiências entre os participantes mediante a história reelaborada.

As rodas de conversa diferem das rodas de leitura no aspecto metodológico, pois enquanto nas rodas de leitura o foco da discussão está no texto; nas rodas de conversa o foco da discussão é direcionado para as experiências pessoais dos leitores, considerando suas memórias de leitura, suas opiniões e seus gostos literários.

O recital de poesias consiste numa atividade dinâmica, na qual cada leitor escolhe uma poesia para ler perante os colegas. Esta atividade possibilita ao leitor escolher o livro e selecionar poesias de acordo com o interesse. Além disso, ensina o leitor a recitar poesias, motiva o mesmo a ler textos poéticos ou cordéis e elimina a timidez do aluno, quando se apresenta ao público para recitar poesias.

As dramatizações são formas prazerosas de fazer leitura, pois o leitor tem a oportunidade de ver e ouvir os personagens das histórias representados pelos leitores mais experientes, além de se emocionar diante da fantasia que o texto literário apresenta. A peça teatral possibilita interpretar o texto com movimentos e ações, dando vida aos personagens das narrativas. Isso proporciona ao leitor uma leitura diferenciada do livro e uma forma divertida de conhecer o texto literário.

Outra estratégia de mediação da leitura consiste na apresentação de filmes baseados nos livros já selecionados previamente. O filme traz momentos marcantes da história que permite o leitor fazer uma leitura sistematizada da obra, pois no filme podemos acompanhar visualmente o enredo da história, os personagens, o cenário e trazer à tona as emoções e sensações adormecidas. O filme também estimula o leitor conhecer a obra para esclarecer questões não apresentadas no filme e ampliar a compreensão da história.

Como observamos, a formação de leitores no contexto do Programa BALE MICAELENSE passa pela utilização de diferentes estratégias de mediação do texto literário, despertando no sujeito o desejo e a vontade de ler, além de dialogar com diferentes vozes. A mediação da leitura é uma prática interativa e repleta de sentidos, pois o leitor estabelece relações mútuas com outros leitores mais experientes e com o próprio autor do livro através dos enunciados. É também uma atividade carregada de significados, pois o leitor estabelece relações com suas leituras anteriores para construir sentidos e identificar no texto ou no livro os não ditos pelo escritor.

### **Considerações finais**

Diante das considerações teórico-práticas apresentadas podemos afirmar que a leitura é uma prática social que requer sensibilidade, envolvimento, onde o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, conhecimentos sobre o assunto, o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata simplesmente de decodificar

palavras, mas trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, construção de sentidos do texto, logo, ela é uma atividade complexa.

Portanto, o texto literário é um forte instrumento para a formação de leitores criativos, reflexivos e críticos, pois além de gerar prazer no leitor a partir da relação entre imaginário e realidade, ele contribui também, para o indivíduo desenvolver seu senso crítico, seu pensamento e adquirir conhecimentos de modo a interpretar melhor o mundo e transformá-lo. Assim, as narrativas são recursos importantes para inserir os novos leitores no mundo letrado. Por isso, fazer relatos de acontecimentos e contar histórias são estratégias que viabilizam a comunicação oral e estimula o pensamento. Na mediação da leitura com crianças o mediador pode mesclar o contar/narrar, o ler e o dramatizar, porque para as pessoas que não tem a prática de escutar histórias é difícil manterem-se atentas quando a história é apenas lida. Daí a necessidade de preparar atividades atrativas e motivadoras para atrair atenção desses leitores durante a encenação do texto/livro.

Esse estudo possibilitou um melhor entendimento sobre mediação da leitura com crianças numa perspectiva de formar leitores, a partir das diversas estratégias de leitura aqui apresentadas. Além disso, revelou como o Programa BALE MICAELENSE incentiva a leitura prazerosa e contribui na formação de leitores autônomos.

## Referências

BAKHTIN M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução do Russo de Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Vol. 2. Brasília, 1997.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCIA, Edson Gabriel. A leitura no meio do caminho. IN: INSTITUTO C&A. *Programa prazer em ler: registros da emoção do caminhante nas lidas com a mediação de leitura*. São Paulo: 2007. v. 1. p. 17 – 24.

GRAVES, M. F; GRAVES, B. B. *A experiência de leitura por andaime: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto*. UFA: UKRA, 1995.

JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11. ed. Campinas/São Paulo: Pontes, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).

MCGUINNESS, Diane. *O ensino da leitura inicial: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira. *Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas: ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade paufferrense*. Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TORRES, Maria Gorete Paulo; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; SILVA, Ananias Agostinho da.; COSTA, Antônia Moraes Leite. *Identidades leitoras de sujeitos baleanos: representações, transformações e fluidez*. Anais do X FIPED, 2019.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

*Recebido em 05 de agosto de 2019  
Aprovado em 25 de fevereiro de 2020*